

Transtornos Alimentares: O Mal-Estar na Cultura Pós-Moderna

Thaís Karolyne Reckziegel^{1, *}

Orcid.org/0009-0008-9132-2617

Maria Salete Junqueira Lucas¹

Orcid.org/0000-0001-5206-9358

¹Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, Brasil

Resumo

Apresentando etiologia multifatorial, os transtornos alimentares caracterizam-se por uma grave alteração no comportamento alimentar e no corpo, sendo defesas psíquicas complexas, presentes na cultura pós-moderna, a qual é considerada como a era do vazio e que propaga que possui mais valor aquelas pessoas que têm um corpo magro. O presente trabalho buscou refletir sobre a parcela que cabe aos ditames da cultura pós-moderna na causação dos transtornos alimentares, considerando as ferramentas virtuais disponíveis na contemporaneidade, como condições subjetivas pelas quais os sintomas aparecem e conduzem maneiras equivocadas para as pessoas se defenderem do vazio psíquico instaurado. Com o avanço dos meios de comunicação e o desenvolvimento da internet, *blogs* e páginas *on-line*, no início dos anos 2000, surgiram as comunidades virtuais “pró-ana” e “pró-mia”, conhecidas por serem defensoras de comportamentos característicos dos transtornos alimentares anorexia e bulimia, considerando estes como estilos de vida. Mesmo com os avanços e mudanças ocorridas nas páginas de relacionamentos virtuais, ainda hoje é possível encontrar perfis que se apresentam como pró-anorexia e pró-bulimia, revelando-se como uma problemática da cultura pós-moderna, estabelecida e vivida por pessoas reais. No entanto, contrariando as expectativas de que essas páginas atuam como desencadeadoras e mantenedoras de comportamentos característicos de transtornos alimentares, é importante pontuar que, em geral, quem busca essas comunidades virtuais já possui predisposição aos comportamentos característicos de transtornos alimentares e percebem estes espaços como possível rede de apoio.

Palavras-chave: Transtornos alimentares, cultura, pós-modernidade, *blogs*, redes sociais.

* Correspondência: Rua Martin Celio Rosella, nº 397-E, Jardim Floriza, 78300-232, Tangará da Serra – MT, Brasil. Tel.: (65) 99930-6366. E-mail: psicologathaisk@gmail.com.

Eating Disorders: Malaise in Postmodern Culture

Abstract

With a multifactorial etiology, eating disorders are characterized by a serious change in eating behavior and in the body, being complex psychic defenses present in postmodern culture, which is considered as the era of emptiness and which propagates that people have more value who have a thin body. The present work sought to reflect on the portion that belongs to the dictates of postmodern culture in the causation of eating disorders, considering the virtual tools available in contemporary times as subjective conditions by which symptoms appear and lead to mistaken ways for people to defend themselves from psychic emptiness instituted. With the advancement of the media and the development of the internet, blogs and online pages, in the early 2000s virtual communities “pro-ana” and “pro-mia” emerged, known for being advocates of behaviors characteristic of the disorders anorexia and bulimia, considering these as lifestyles. Even with the advances and changes that have occurred on the pages of virtual relationships, it is still possible to find profiles that present themselves as pro-anorexia and pro-bulimia, revealing themselves as a problem of postmodern culture, established and lived by real people. However, contrary to expectations that these pages act as triggers and maintainers of behaviors characteristic of eating disorders, it is important to point out that, in general, those who seek these virtual communities already have a predisposition to behaviors characteristic of eating disorders and perceive these spaces as possible support network.

Keywords: Eating disorders, culture, postmodernity, blogs, social media.

Transtornos Alimentarios: Malestar en la Cultura Pós-Moderna

Resumen

Con una etiología multifactorial, los trastornos alimentarios se caracterizan por un cambio grave en la conducta alimentaria y en el cuerpo, siendo defensas psíquicas complejas presentes en la cultura posmoderna, que se considera como la era del vacío y que propaga que las personas tienen más valor que tienen un delgado cuerpo. El presente trabajo buscó reflexionar sobre la porción que corresponde a los dictados de la cultura posmoderna en la causalidad de los trastornos alimentarios, considerando las herramientas virtuales disponibles en la contemporaneidad como condiciones subjetivas por las cuales aparecen los síntomas y conducen a formas equivocadas de defensa de las personas del vacío psíquico instituido. Con el avance de los medios de comunicación y el desarrollo de internet, blogs y páginas en línea, a principios de los 2000 surgieron las comunidades virtuales “pro-ana” y “pro-mia”, conocidas por ser promotoras de conductas propias de los trastornos anorexia y bulimia, considerándolas como estilos de vida. Aún con los avances y cambios que se han producido en las páginas de relaciones virtuales, aún es posible encontrar perfiles que se presentan como pro-anorexia y pro-bulimia, revelándose como un problema de la cultura posmoderna, instaurado y vivido por personas reales. Sin embargo, contrariamente a las expectativas de que estas páginas actúen como desencadenantes y mantenedores de comportamientos propios de los trastornos alimentarios, es importante señalar que, en general, quienes buscan estas comunidades virtuales ya tienen una predisposición a comportamientos propios de los trastornos alimentarios y perciben estos espacios como posible red de apoyo.

Palabras-clave: Trastornos de la alimentación, cultura, posmodernidad, blogs, redes sociales.

Os transtornos alimentares são distúrbios caracterizados por uma grave alteração do comportamento alimentar e do corpo, sendo a anorexia nervosa, a bulimia nervosa e a compulsão alimentar suas principais manifestações. Os transtornos alimentares têm uma etiologia multifatorial, com uma conjugação complexa de fatores biológicos, de vulnerabilidade genética, fatores socioculturais, familiares e psicológicos (Abuchaim et al., 1998).

A anorexia nervosa é um distúrbio que vai desenvolvendo cada vez mais uma inanição autoimposta pelo paciente, padrões bizarros de comportamento alimentar, medo mórbido de engordar, distorção da imagem corporal, acentuada perda de peso, com tentativas de sempre manter o peso abaixo do que é considerado normal. Enquanto a bulimia nervosa mostra pacientes com uma vontade incontrolável de comer de forma animalesca, os quais, após os episódios descontrolados de comer de forma voraz, costumam sentir culpa e medo de engordar, recorrendo a comportamentos compensatórios para controlar o peso, como excesso de exercícios físicos, dietas rigorosas, vômitos autoinduzidos, uso de diuréticos, laxantes e medicação anorexígena. Já a compulsão alimentar é compreendida como qualquer conduta sentida pelo paciente como obrigação interna para comer, mesmo quando não está com fome, havendo uma acentuada ausência de controle, com a ingestão de uma grande quantidade de alimento em um período limitado. A compulsão alimentar é a característica clínica mais marcante da bulimia; na anorexia, ela pode estar presente de forma imaginária (American Psychiatric Association [APA], 2014).

Os transtornos alimentares são defesas complexas, nas quais estão acomodadas organizações subjetivas que são vividas de forma intensa na cultura pós-moderna. Os transtornos alimentares mostram um arranjo perverso, na forma como tentam se apoderar do controle do corpo, como objeto de apego com fins utilitários. Não se trata de uma estrutura perversa estável, mas de um arranjo secundário, em resposta a

um movimento regressivo que esses pacientes empreendem, numa tentativa de encontrar um novo objeto de substituição no comportamento do tipo adicto (Lucas, 2022). Esse arranjo é feito para substituir as relações objetais, as quais causaram emoções intoleráveis que não puderam ser simbolizadas, causando falhas na integração psicossomática. De acordo com Miranda (2004), o paciente com transtorno alimentar é uma boca que pouco come e um psiquismo carente de simbolizações.

A era da pós-modernidade enseja em seu bojo dificuldades para existir de forma realística, obstaculizando uma existência na qual possa ser utilizada a capacidade criativa para simbolizar lutos, angústias e perdas. Lisondo (2004) considera essa era, na qual vivemos, como a era do vazio, a qual gera patologias do vazio.

Este trabalho busca refletir sobre a parcela que cabe aos ditames da cultura pós-moderna na causação dos transtornos alimentares, entendendo que são patologias multifatoriais, mas que a pós-modernidade submete os sujeitos às identificações maciças da sociedade capitalista de consumo, na qual o corpo é moeda de troca, de subjugação dos corpos, em uma cultura que propaga que vale mais quem tem o corpo magro. A mais valia se concentra no quanto a pessoa atinge um *status* de adequação **ao que a cultura da magreza estipula como valoroso**. Em torno da difusão do corpo magro está uma determinação de formas de sentir e pensar que movimenta uma indústria alimentícia e uma indústria da moda que respondem a uma patologia do social. O modo como essas determinações interferem na vida dos sujeitos produz sofrimentos e um apagamento do inconsciente estruturante para a existência humana.

As ferramentas virtuais de que dispomos hoje revelam as condições subjetivas pelas quais os sintomas aparecem e conduzem, de forma equivocada, a pessoa a se defender do vazio psíquico que foi instaurado. O corpo físico toma o lugar do corpo psíquico, causando uma inabilidade na compreensão do mundo interno e das exigências externas da cultura pós-moderna.

O Mal-Estar na Cultura

Com a propagação em massa dos meios virtuais na era da internet, a influência dos *blogs* e páginas de sociabilidade digitais entre as pessoas alcançou níveis altíssimos entre aqueles indivíduos que apresentam comportamentos adictos relacionados com os transtornos alimentares. Dentre as várias vivências desse *ethos* midiático estão as comunidades pró-anorexia e pró-bulimia.

A cultura pós-moderna propicia uma hipervalorização do corpo, conduz, através de uma busca incessante de um corpo perfeito, a disseminação de corpos esqueléticos como ideal de beleza, categoriza quais seriam as condutas aceitáveis para dominar o corpo que teima em fugir à regra.

Atualmente, comenta-se em demasia sobre a era digital e a revolução tecnológica, que repercutem em mudanças nos mais variados aspectos da sociedade. No entanto, é importante considerar que as revoluções midiáticas e tecnológicas ocorreram e ocorrem há milênios, proporcionando o surgimento de novas formas de comunicação, que trazem mudanças nas dinâmicas da civilização. Destacam-se, como revoluções midiáticas: o desenvolvimento da escrita, há aproximadamente cinco (5) mil anos; a invenção da imprensa moderna, por volta do século XV d.C.; o surgimento do aparelho de telefone e a possibilidade de se comunicar à distância, por meio da fala, além da fotografia, da gravação sonora e do projetor cinematográfico, todos no século XIX; e, mais recentemente, a partir do século XX, e início do século XXI, a criação e desenvolvimento dos computadores e celulares, associados à criação e desenvolvimento da internet, conhecida como “revolução digital”, que engloba todas as mudanças e conquistas provocadas pelas revoluções midiáticas anteriores (Schlobinski, 2012).

Todas essas revoluções midiáticas trouxeram mudanças na maneira como os grupos sociais se relacionam, criando, a cada tempo, novas formas de comunicação. Além disso, cada tecnologia

de comunicação que é criada ou modificada irá provocar mudança na vida das pessoas que a utilizam (Braga, 2011). A revolução digital, provocada pelo avanço da internet e dos aparelhos celulares, traz a possibilidade de as pessoas se conectarem a qualquer momento, de qualquer lugar, sem necessitarem, sequer, conhecer-se pessoalmente. Com isso, surge a promessa de que “ninguém está só, cada um é parte integrante da sociedade interconectada” (Schlobinski, 2012, p. 142).

Os espaços *on-line*, nos ambientes da internet, proporcionam aos seus usuários a possibilidade de se expressar de maneira individual e coletiva, podendo se agregar por meio dos seus interesses e necessidades, definindo conteúdos específicos e, assim, formando uma sociedade virtual conhecida como “comunidades virtuais”. Esse modelo de comunidade transpassa os limites territoriais, no estabelecimento da relação entre indivíduos com interesses comuns e correspondentes aos padrões de expressões praticados dentro desses ambientes (Braga, 2011). Com isso, a internet deixa de ser meramente instrumental e passa a ser relacional, proporcionando novas formas de sociabilidade, por meio das redes sociais *on-line*, como os *blogs* (Santos & Cypriano, 2014).

As atuais tecnologias digitais de comunicação e informação possibilitam, por meio de aparelhos conectados à internet, um fato anteriormente impossível de acontecer: a facilidade para as pessoas se conectarem a variadas opções intelectuais, culturais, de entretenimento, de trabalho, entre outros, conforme seus interesses, sem precisar se deslocar geograficamente, o que ocasiona em mudanças na maneira de as pessoas se relacionarem (Pereira & Oliveira, 2018).

No meio digital, as formas de relacionamento virtuais fizeram com que fosse criada, inclusive, uma linguagem própria – segmentada entre a língua comum, usada para a comunicação entre todos os falantes, e as línguas especiais –, usada para atender as necessidades próprias de uma comunidade específica e que exclui os que desconhecem seus sentidos específicos, marcando

um novo modelo de comunicação (Silva & Patriota, 2021). Para se comunicar no meio virtual, há, também, a possibilidade de uso de imagens como fotos e vídeos, além dos *emoticons* e *emojis*, o uso de sons e a ressignificação de uso de sinais ortográficos, como maneiras de expressarem os sentimentos e emoções (Barbosa, 2017).

Anteriormente ao advento da internet e ao desenvolvimento das redes sociais *on-line*, as formas de sociabilidades eram realizadas por meio dos encontros “face a face”, ocorridos em um espaço geográfico e temporal específicos. Contudo, devido ao avanço da internet e à criação de redes sociais digitais, a sociabilidade ganhou uma nova forma possível de ocorrer, por meio dos espaços virtuais, dispensando o “face a face” (Santos & Cypriano, 2014). No entanto, apesar de ser possível que uma única pessoa pertença a variadas comunidades virtuais, ou mesmo utilize um *perfil fake* (como é denominado o perfil com informações falsas sobre si, havendo um ocultamento da pessoa que o utiliza), ainda assim, as trocas e relações estabelecidas nos meios virtuais consistem na interação entre indivíduos reais. Diante disso, “pela recíproca ação dos indivíduos, as redes de sociabilidade *on-line* tornam-se plausíveis como legítima forma de vida social” (Santos & Cypriano, 2014, p. 73).

Além das mudanças ocorridas na maneira de se relacionar, provocadas pelo avanço dos meios de comunicação e surgimento de redes sociais digitais, é importante ponderar, também, o período atual vivido pela sociedade ocidental, denominado como “pós-modernidade”, que se caracteriza pela quebra dos padrões impostos anteriormente, postulando não só uma única forma possível de ser e estar no mundo e trazendo uma multiplicidade na forma de viver, marcada pelo reconhecimento das diferenças (Tenório, 2009).

Uma das mudanças significativas ocorrida na virada da modernidade para a pós-modernidade é a crise nas instituições que serviam de base para a civilização ocidental durante séculos. Instituições anteriormente sólidas, como a família, a educação, a política e a religião, que possuíam o poder de determinar o, até então, único padrão

possível de pensar, sentir e agir, entraram em crise, apresentando uma falência nesse único modelo possível de viver. Esta falência trouxe a vantagem de possibilitar a criação de outras formas de estabelecer laços sociais, pensar, sentir e agir, reinventando novas formas de ser e viver. No entanto, essa reinvenção na forma de viver se tornou solitária, já que se perdeu, também, o apoio simbolizante das instituições (Minerbo, 2013, 2017).

O sujeito contemporâneo tem de se constituir em meio a laços simbólicos frouxos, o que dificulta a internalização de referências identitárias estáveis e produz identificações pouco consistentes. Por outro lado, esta mesma fragilidade lhe oferece a possibilidade de “ser autor” de sua identidade. Ele pode escolher quem deseja ser, o que constitui uma forma inédita de protagonismo e de cuidado de si (Minerbo, 2009, pp. 49-50).

A subjetividade moderna e pós-moderna, constituída a partir da perda dos signos e significados que anteriormente eram estabelecidos pelas instituições sociais rígidas, desenvolve-se a partir de duas possibilidades: (a) usar a cultura, por meio do consumo de determinadas roupas, livros, filmes, entre outros, como forma de se expressar, na qual a identidade do sujeito determina seu estilo de vida; e (b) em um movimento oposto, a elaboração de sua identidade ocorrerá a partir dos signos oferecidos pela sociedade do consumo, sendo possível comprar até o próprio corpo, na qual o estilo de vida adotado pelo indivíduo irá determinar a sua identidade (Minerbo, 2009).

Considerando que, para conseguir atribuir algum sentido à realidade e dar significado para as experiências emocionais, o psiquismo depende das significações estabelecidas e oferecidas pelas instituições, quando não há essas significações e verdades absolutas, o indivíduo passa a ter a obrigação de encontrar seu próprio caminho, na busca pelo significado de sua própria experiência e, se não consegue, fica perdido e sem projeto de vida. Isso marca o mal-estar da pós-modernidade (Minerbo, 2013, 2017). Como afirma Minerbo (2017, p. 58):

Instituições excessivamente fortes produzem um tipo de mal-estar (a culpa ligada ao sofrimento neurótico), e instituições excessivamente frágeis produzem outro tipo de mal-estar (o tédio ligado às patologias do vazio). *As formas de sofrer, em cada época e lugar, são consubstanciais às formas de ser* (grifo da autora).

O mal-estar gerado pela fragilidade das instituições na pós-modernidade é um sofrimento existencial que revela uma forma de ser, caracterizada pelo sofrimento ligado à experiência do vazio, da falta de sentido e tédio existencial, podendo desencadear em uma psicopatologia na qual a violência ocasionada pelas pulsões atravessa as relações intersubjetivas (Minerbo, 2013, 2017).

As Redes Sociais Digitais e os Transtornos Alimentares

Diante do vazio e tédio existencial, percebe-se na pós-modernidade o aumento de comportamentos aditivos e/ou compulsivos, como maneiras de estimularem a sensorialidade corporal, os quais indicam tentativas para preencher esse vazio, estando, entre esses comportamentos, o jejum prolongado característico da anorexia, o comer demais, acompanhado pelo vômito autoinduzido, presentes na bulimia, a compulsão pelo comer, as práticas excessivas de exercícios físicos, o se automutilar, o sexo compulsivo, entre outros (Minerbo, 2013). Outras formas de busca, para preencher, ou pelo menos disfarçar, o vazio existencial, ocorrem por meio dos aparelhos eletrônicos, como o celular e o uso de redes sociais digitais, como *blogs* (Minerbo, 2017).

Tavares (2021), por meio de um estudo transversal, realizado com 245 estudantes de cursos de graduação da Universidade Federal de Ouro Preto, com o objetivo geral de avaliar a relação do uso de mídias sociais com o comportamento alimentar e com o risco de transtornos alimentares em universitários, constatou que, entre o público avaliado na sua pesquisa, o uso de mídias sociais e o uso excessivo de

internet estão associados a comportamentos alimentares disfuncionais, apresentando risco elevado para o desenvolvimento de transtornos alimentares.

Em estudo semelhante ao anteriormente citado, Fernandes (2019), em uma pesquisa transversal com 647 participantes, de ambos os sexos e idade entre 19 e 59 anos, com o objetivo de avaliar a associação do uso de mídias sociais e da utilização excessiva de internet com a insatisfação corporal, como comportamentos de risco para a ocorrência de transtornos alimentares, depressão, ansiedade e estresse, em estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto, constatou que aqueles participantes da pesquisa que eram usuários de mídias sociais, especialmente da plataforma *Instagram*, apresentaram maior insatisfação corporal e maior probabilidade de desenvolverem transtornos alimentares, depressão, ansiedade e estresse.

O *Instagram*, enquanto plataforma de interação social de compartilhamento de fotos e vídeos, é utilizado tanto por pessoas físicas quanto por empresas, marcas de produtos e de procedimentos, que utilizam essa plataforma como meio de divulgação de seus produtos ou serviços e podem publicar seus conteúdos de maneira livre, desde que sigam as políticas de privacidade e termos de uso da plataforma. Entre as postagens realizadas nessa rede social digital, é possível identificar que há determinados padrões de beleza sugeridos por variados perfis de usuários, como algumas influenciadoras digitais e determinadas marcas, os quais podem induzir o público que acessa esse conteúdo a uma busca constante e disfuncional por padrões de beleza inatingíveis (Balbino et al., 2022).

Lima e Silva (2021), ao realizarem um estudo exploratório que objetivou analisar as postagens feitas entre os meses de julho a dezembro de 2018, em dois perfis na rede social *Instagram*, em que as “donas” desses perfis publicavam conteúdos relacionados aos seus respectivos estilos de vida – um era de uma mulher que se autointitulava *fitness* (pessoas que buscam, por meio de dietas restritivas e atividades físicas,

alcançar uma forma física corporal forte e magra), e outro era de uma mulher considerada *plus size* (termo que faz referência aos corpos que utilizam roupas tamanho 46 ou maiores) –, constataram que, apesar de haver um aumento de perfis que buscam defender a existência de formas corporais múltiplas e diversas, para além do corpo magro, ainda é possível perceber, em publicações realizadas no *Instagram*, uma forte associação do corpo magro como sendo o corpo saudável, reforçando o padrão de beleza social do corpo magro.

Importante pontuar que, apesar da possibilidade do anonimato nos meios virtuais de socialização, como por exemplo o fato de em um *blog* não haver a necessidade de exposição de rostos e nomes de seus usuários, além dos perfis *fakes* existentes nas mais variadas redes sociais digitais, estes são sempre criados, editados, mantidos e acessados por pessoas inseridas em uma cultura específica, sendo um meio de socialidade e divulgação de padrões socioculturais (Santos & Cypriano, 2014).

Ana e Mia: As Comunidades Virtuais Pró-Anorexia e Pró-Bulimia

Os *blogs* são meios de comunicação que contemplam as mais variadas temáticas (Braga, 2011), sendo uma das formas de se estabelecer comunidades virtuais com interesses em comum, revelando, inclusive, as diferentes possibilidades de ser, estar no mundo e se relacionar, marcadas pela pós-modernidade. Entre os variados conteúdos possíveis de serem encontrados nos diversos *blogs* existentes, há aqueles que defendem os comportamentos característicos de transtornos alimentares como sendo um estilo de vida, percebido por meio dos *blogs* e comunidades pró-anorexia ou pró-bulimia, nos quais seus participantes percebem a anorexia e a bulimia a partir de uma perspectiva diferente do modelo biomédico, adotando os comportamentos característicos desses transtornos alimentares como um estilo de vida, ou até mesmo uma entidade a ser seguida, e não como

uma doença ou distúrbio alimentar (Bittencourt & Almeida, 2013; Giacomozzi, 2010; Perez & Jacobsohn, 2016).

Os movimentos favoráveis à anorexia e à bulimia como estilo de vida, conhecidos por pró-ana e pró-mia, surgiram por volta dos anos 2000 e 2001, inicialmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. No entanto, ganharam força e se tornaram um movimento de alcance global, ganhando adeptos e apoiadores em variados países, inclusive no Brasil (Lira, 2006). Desde seu surgimento, é possível perceber uma infinidade de páginas digitais que se dedicam a esse movimento, inicialmente por meio de sites e *blogs*, passando pelas comunidades da antiga rede social *Orkut*, páginas na rede social *Facebook* e, mais atualmente, os perfis na rede social *Instagram*.

Importante considerar que o anonimato e a livre expressão de ideias, possibilitados nas comunidades virtuais, proporcionam, para as pessoas que possuem comportamentos semelhantes aos dos transtornos alimentares, como a bulimia e a anorexia, um espaço para criarem seu mundo próprio, através dos *blogs*, sites e perfis em variadas redes sociais digitais. Os ambientes virtuais se tornaram um dos principais meios de trocas de informações e experiências para as pessoas adeptas ao movimento pró-ana/mia (Barbosa, 2017).

Nas últimas décadas, vários autores têm realizado diferentes estudos, com a finalidade de analisar, por diferentes perspectivas, os *blogs* e páginas pró-anorexia e pró-bulimia. Constata-se que, por meio desses espaços, há o compartilhamento de ideias, desejos, sentimentos, vontades, além de estratégias, dicas e lições para desenvolver e manter comportamentos que são aditivos desses transtornos alimentares. Há a exibição de fotos de corpos extremamente magros, orientações de dietas emagrecedoras, o incentivo à prática de jejuns prolongados, sugestões de medicamentos, além de orientações para lidarem com pessoas que possam se posicionar contrárias a esses comportamentos, como familiares, amigos e profissionais da saúde, na busca por alcançarem um padrão de

magreza corporal extrema, considerado ideal pelas usuárias destas comunidades (Barbosa, 2017; Bittencourt & Almeida, 2013; Melo, 2016; Vieira & Gomes, 2015).

Ramos et al. (2011), ao analisarem uma comunidade virtual pró-anorexia, presente na antiga plataforma *Orkut*, constataram três aspectos que lhes chamaram a atenção: nesse espaço, havia a discussão acerca do entendimento da anorexia como um estilo de vida e não como uma doença; a expectativa quanto ao alcance do objetivo de felicidade e realização profissional que os membros dessa comunidade esperavam ao alcançar o corpo idealizado por eles, o que indica a ideia que relaciona o corpo magro ao ser bem-sucedido; e a liberdade que encontravam ali para se expressarem e se acolherem enquanto rede de apoio, construindo uma cultura identitária, por meio do anonimato.

Bittencourt e Almeida (2013), ao analisarem diferentes *blogs* pró-ana/mia, identificaram, nas postagens feitas nesses meios, justificativas para que as usuárias buscassem, por meio de comportamentos bulímicos e anoréxicos, alcançar um corpo extremamente magro, como forma de se sentirem aceitas socialmente, devido aos padrões de beleza culturalmente defendidos. Além disso, Melo (2016) observou a publicação, nesses *blogs*, de imagens de peças de vestuários que remetem à ideia de moldar o corpo para afinar a cintura, apresentando contornos corporais finos, os quais eram usados por mulheres pertencentes a culturas de séculos passados, indicando que o ideal de magreza corporal não é algo defendido somente entre as sociedades contemporâneas.

Assim como a anorexia e a bulimia são transtornos alimentares que podem acometer tanto pessoas do gênero feminino quanto pessoas do gênero masculino, os *blogs* pró-anorexia e pró-bulimia não se limitam somente ao público feminino. Há a existência de comunidades virtuais que defendem a anorexia e a bulimia entre pessoas do gênero masculino. Os homens adeptos ao movimento pró-ana/mia utilizam

esses espaços virtuais para expressarem suas insatisfações corporais, além de relatarem suas angústias, sofrimentos e dificuldades para chegarem ao corpo e peso ideal, bem como trocaram dicas, ideias e motivações para manter os comportamentos anoréxicos e/ou bulímicos, atuando como rede de apoio mútuo entre eles (Almeida & Guimarães, 2015).

Os *blogs* pró-ana masculinos apresentam características semelhantes aos *blogs* pró-ana femininos: um espaço de troca de apoio e incentivos na busca da anorexia como estilo de vida; a possibilidade do anonimato; a exposição de fotos como incentivadoras na busca de um corpo perfeito; estratégias de como lidar com familiares, amigos e profissionais da saúde que vão contra esse movimento; entre outras características que marcam a busca pelo ideal estético de corpo defendido socialmente também entre os homens (Almeida & Guimarães, 2015).

Há a ideia de que essas comunidades atuam como um dos possíveis fatores desencadeantes de transtornos alimentares entre aquelas pessoas que acessam esses meios; no entanto, o fato de já possuírem fatores predisponentes aos comportamentos aditivos de transtornos alimentares é o que faz com que as pessoas busquem e sejam adeptas às comunidades pró-anorexia e pró-bulimia, por encontrarem ali apoio e ajuda daquelas pessoas que possuem comportamentos semelhantes, estabelecendo uma afinidade entre os usuários, na crença de que somente eles conseguem entender uns aos outros, sendo um espaço onde eles podem recorrer em busca de ajuda para alcançarem o corpo perfeito (Moreira & Grohmann, 2017).

Ao considerar os espaços virtuais que, de alguma forma, estimulam e incentivam os comportamentos característicos de transtornos alimentares, como é o caso dos *blogs* pró-anorexia e pró-bulimia, deve-se ter clareza quanto às características corporais propagadas nesses espaços, as quais se assemelham às características de dinâmicas psíquicas percebidas em pacientes com transtornos alimentares:

dificuldade em lidar com a separação do corpo materno; dificuldade de deixar o corpo infantil e reconhecer suas mudanças para a formação de um corpo adulto; controle onipotente sobre o corpo; falta de delimitação dentro-fora (Perez & Jacobsohn, 2016). Além disso, apesar de apresentarem uma ideia que vai na contramão do modelo biomédico e daquilo que é considerado saudável, o movimento pró-anorexia e pró-bulimia defende a busca pelo ideal corporal, com características estéticas propagadas e defendidas socialmente (Barbosa, 2017).

No meio virtual, o caráter controlador torna-se mais fácil e possível. A ideia de controlar a si e ao seu próprio corpo passa a ser vista como algo alcançável, para as usuárias dos *blogs* pró-anorexia e pró-bulimia. Deixam o corpo real, material, imperfeito e falho e assumem um corpo onde tudo é possível, acessando e desconectando-se dos meios virtuais quando quiser, além da possibilidade de se tornarem personagens livres de necessidades fisiológicas inerentes ao corpo humano – como é o caso da fome (Perez & Jacobsohn, 2016). Nesses espaços cibernéticos, há a autorização e legitimação dos mandamentos que defendem os ossos aparentes, representando uma discursividade que transgride e inverte os sentidos sociais daquilo que é saudável, silenciando esses sentidos (Melo, 2016).

Além desses aspectos, chama atenção o fato de os espaços virtuais, defensores da anorexia e da bulimia como estilo de vida, terem códigos, linguagem e regras específicas a serem seguidas, o que aproxima aquelas que frequentam esses espaços. As usuárias passam a ser chamadas por “Ana” ou “Mia” (abreviatura para anorexia e bulimia, respectivamente), assumindo uma nova identidade, ao mesmo tempo que perdem sua singularidade (Perez & Jacobsohn, 2016).

A perda da singularidade pode ser percebida, inclusive, no padrão de características dos próprios *blogs*, em que é comum que estes possuam características semelhantes entre eles, desde seus nomes e localizadores, que apresentam a expressão “Ana” e/ou “Mia”, a apresen-

tação da autora e usuárias, em geral anônimas, como pessoas gordas que precisam da “ana” e da “mia” para chegarem à perfeição, além das semelhanças nos conteúdos ali publicados (Barbosa, 2017).

Apesar de as comunidades virtuais pró-anorexia e pró-bulimia terem surgido, no Brasil, no início dos anos 2000, e atualmente haver um grande número de pessoas e páginas virtuais que se posicionam contrários a esses *blogs*, entre os anos 2020 e 2021 foi registrada uma busca elevada, no Brasil, por meio da *internet*, por essas comunidades e termos criados e usados nesses espaços virtuais, como “ana”, “mia”, “*thinspiration*”, “miar”, “*no food*” e “*low food*”, que pode estar relacionada com a divulgação, por meio das famosas *blogueiras*, nas redes sociais digitais, de dietas e práticas visando a uma estética do corpo ideal (Souza & Manochio-Pina, 2022).

Considerações Finais

Assim como a sociedade passa por mudanças no decorrer do tempo, a maneira como as pessoas utilizam a internet e os sites para se relacionar também sofreu e sofre mudanças. A forma de interação que, inicialmente, ocorria por meio dos *blogs* e das comunidades na antiga rede social *Orkut* ganhou um novo formato, com a criação e o desenvolvimento das redes sociais digitais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *TikTok*. A maneira de utilizar essas últimas páginas é diferente da maneira como se utilizavam as páginas e sites criados no início dos anos 2000. No entanto, ter pesquisas que indicam que os termos utilizados entre as pessoas defensoras de comportamentos pró-anorexia e pró-bulimia ainda são acessados em páginas *on-line* pode indicar que, mesmo com a mudança na maneira de se relacionar no ambiente virtual, ainda há a presença de conteúdos defensivos e reforçadores de transtornos alimentares neste meio.

O fato de existirem comunidades defensoras de comportamentos aditivos a transtornos

alimentares e a elevada procura por essas comunidades indicam que essa é uma problemática de uma cultura estabelecida e vivida por pessoas reais. Os transtornos alimentares existiam antes mesmo da criação dos computadores e do desenvolvimento da internet; no entanto, na contemporaneidade, os meios de comunicação e socialização digitais permitiram que as pessoas com esses transtornos criassem comunidades de apoio, revelando mudanças a partir da pós-modernidade, não apenas nas estruturas e instituições sociais, mas também nas maneiras de os indivíduos expressarem seus sofrimentos e angústias existenciais.

As postagens nas redes sociais digitais que falam sobre dietas, práticas de mudança corporal que visam a um emagrecimento, mostram sempre que são acompanhadas de um discurso que relaciona esses comportamentos com a melhora na qualidade de vida e a busca incessante por uma suposta saúde. Não é possível haver um controle de qual público terá acesso a essas informações, ou mesmo como essas informações serão utilizadas. Essas ações podem funcionar como gatilhos para a propagação de comportamentos característicos de transtornos alimentares, os quais nem sempre serão encarados como comportamentos patológicos.

Diante do mal-estar e do sofrimento instalado na cultura pós-moderna, aliados aos fatores psicológicos e hereditários na causação dos transtornos alimentares, torna-se clara a necessidade de os profissionais de saúde estabelecerem um olhar crítico para o contexto social e cultural no qual o indivíduo com sofrimento e angústias existenciais, como aqueles com transtornos alimentares, está inserido. É preciso alargar o campo de visão na determinação multifatorial dos transtornos alimentares, a fim de buscarmos melhorias no cuidado e atenção profissional oferecidos, tendo em vista que nenhuma forma de sofrimento humano se desenvolve e se expressa de maneira estritamente individual e desconectada do meio sociocultural.

Contribuição dos autores

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesses relacionado à publicação deste manuscrito.

Referências

- Abuchaim, A. L. G., Somenzi, L., & Duchesne, M. (1998). Aspectos psicológicos. In M. A. Nunes, J. C. Apollinario, A. L. Galvão, & W. Coutinho (Eds.), *Transtornos alimentares e obesidade* (pp. 62-76). Artmed.
- Almeida, T. C. de, & Guimarães, C. F. (2015). Os blogs pró-Ana e a experiência da anorexia no sexo masculino. *Saúde e Sociedade, 24*(3), 1076-1088. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015130142>
- American Psychiatric Association. (2014). Feeding and eating disorders. In *Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais* (5a ed., pp. 329-354). Artmed.
- Balbino, M. L. C., Dias, C. A., Sasaki, D. L. S., & Cunha, G. A. (2022). O ideal de beleza feminino sugerido no Instagram e a frustração. *Scientia Generalis, 2*(Suppl. 1), 108-108. <http://www.scientiageneralis.com.br/index.php/SG/article/view/283>
- Barbosa, N. L. M. (2017, julho). *Diários Ana-Mia: Um estudo sobre os weblogs pró-anorexia e pró-bulimia* [Apresentação de trabalho]. 18º Congresso Brasileiro de Sociologia, Brasília, Distrito Federal. <http://www.adaltech.com.br/anais/sociologia2017/resumos/PDF-eposter-trab-aceito-0964-1.pdf>
- Bittencourt, L. de J., & Almeida, R. A. (2013). Transtornos alimentares: Patologia ou estilo de vida? *Psicologia & Sociedade, 25*(1), 220-229. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000100024>
- Braga, A. (2011). Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. *Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, 9*(9), 95-104.

- http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/media/09%20DeD%20_%20n.%209%20-%20artigo%204%20-%20ADRIANA.pdf
- Fernandes, K. (2019). *Impacto das mídias sociais sobre a insatisfação corporal e risco de transtornos alimentares e depressão em estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Ouro Preto]. Biblioteca Digital de TCCs da UFOP. <https://monografias.ufop.br/handle/35400000/2527>
- Giacomozi, A. (2010). “Juntas chegaremos à perfeição”: Representações sociais da anorexia no Orkut. *Interação em Psicologia*, 14(02), 221-232. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v14i2.11016>
- Lima, G. C. J. de, & Silva, L. M. (2021). Relações entre corpo, mídia e saúde mental: Significações de corpos midiáticos no Instagram. *Refacs*, 9(Suppl. 2), 786-797. <https://doi.org/10.18554/refacs.v9i0.5656>
- Lira, L. C. de. (2006). *Narrativas de Ana: Corpo, consumo e self em um grupo pró-anorexia na internet* [Dissertação de mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco], Livros Grátis. <http://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-127049/narrativas-de-ana--corpo-self-e-consumo-entre-um-grupo-pro-anorexia-na-internet>
- Lisondo, A. B. D. (2004). Na cultura do vazio, patologias do vazio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38(2), 335-338. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-397162>
- Lucas, M. S. J. (2022). *Transtornos alimentares e Psicanálise: Experiências clínicas e compreensões teóricas*. Pedro & João Editores.
- Melo, S. R. A. de. (2016). Ana e Mia: Discursividades sobre o corpo no mundo virtual. *Revista Travessias*, 10(1), 449-470. <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/14151>
- Minerbo, M. (2009). Depleção simbólica e sofrimento narcísico contemporâneo. *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, (7), 44-57. <http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo205.pdf>
- Minerbo, M. (2013). Ser e sofrer, hoje. *Ide*, 35(55), 31-42. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100004
- Minerbo, M. (2017). O tédio e a clínica do vazio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(3), 53-63. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0486-641X2017000300004
- Miranda, M. R. (2004). O mundo objetual anoréxico e a violência bulímica em meninas adolescentes. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38(2), 309-334. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-397161>
- Moreira, L. M. da C. P., & Grohmann, R. (2017). *Glamourização de distúrbios alimentares: Movimentos pró-ana e pró-mia e a rede social Tumblr* [Apresentação de trabalho]. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, Paraná. <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2044-1.pdf>
- Pereira, D. R., & Oliveira, F. A. F. de. (2018). Redes sociais: As relações no cenário pós-moderno. *Revista UNINGÁ Review*, 33(1), 85-94. <https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/2120>
- Perez, C. D., & Jacobsohn, P. G. (2016). Corpo e virtualidade. In C. Weinberg (Org.), *Psicanálise dos transtornos alimentares: Volume 2* (pp. 47-58). Primavera Editorial.
- Ramos, J. de S., Pereira, A. de F., Neto, & Bagrichevsky, M. (2011). Cultura identitária pró-anorexia: Características de um estilo de vida em uma comunidade virtual. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 15(37), 447-460. <https://www.scielo.br/j/ics/a/yRS6fbtKDRcYxRS6s3NzpzZM/abstract/?lang=pt>
- Santos, F. C. dos, & Cypriano, C. P. (2014). Redes sociais, redes de sociabilidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 29(85), 63-78. <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/k5ykGdRVvtz wfCq9Twh6ZGq/?lang=pt>
- Schlobinski, P. (2012). Linguagem e comunicação na era digital. *Pandaemonium*, 15(19), 137-153. https://www.researchgate.net/publication/307672799_Linguagem_e_comunicacao_na_era_digital. <https://doi.org/10.1590/S1982-88372012000100008>
- Silva, C. R. G. da, & Patriota, L. M. (2021). A comunicação na era digital: As gírias das redes

- sociais. *Revista de Letras JUÇARA*, 4(2), 54-72. <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2270/1715>
- Souza, M. S., & Manochio-Pina, M. G. (2022). Tendências de busca na internet de sites de incentivo aos transtornos alimentares pelo Google Trends. *Brazilian Journal of Development*, 8(5), 34835-34850. <https://doi.org/10.34117/bjdv8n5-142>
- Tavares, L. T. (2021). *Associação do uso de mídias sociais com o comportamento alimentar e risco de transtornos alimentares e nutricionais em estudantes universitários* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Ouro Preto]. Biblioteca Digital de TCCs da UFOP. <https://monografias.ufop.br/handle/35400000/3573>
- Tenório, F. G. (2009). A modernidade e a pós-modernidade servidas em dois jantares. *Cadernos EBAPE*, 7(3), 473-491. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512009000300006>
- Vieira, M. C. de A., & Gomes, D. L. (2015). *Análise de blogs que incentivam práticas relacionadas à anorexia e bulimia* [Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário de Brasília]. Repositório do Uniceub. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/7164>

Recebido: 07/03/2023
Aceite final: 21/09/2023



O(s) autor(es), 20234 Acesso aberto. Este artigo está distribuído nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que você dê crédito apropriado ao(s) autor(es) original(ais) e à fonte, fornecer um link para a licença Creative Commons e indicar se as alterações foram feitas.